

A BATALHA

Director: MARIO CASTELHANO
Editor: SILVINO NORONHA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 6600; Estrangeiro, 6 meses 10200
PAGAMENTO ADIANTADO

REVIGORANDO

Um novo período se inicia no seio da organização. A rede de intriga e especulação que à volta da C. G. T. nos últimos tempos se desenvolveu, engendrada no meio das correntes que têm extraordinário empenho em denegrir o seu prestígio, desfaz-se com rapidez, em presença dos manifestos desejos dos trabalhadores organizados de todo o país. Alegria-nos o facto, pelo que ele revela de consciência revolucionária e nítida concepção do momento que se atravessa.

São os trabalhadores os primeiros a reconhecer que motivo algum—superior que fosse—poderia fazer retardar a marcha da Organização ofuscando os altos objectivos de emancipação humana que ela encerra.

De toda a parte chegam exortações para que o Comité Confederal não desanime na sua acção purificadora do ambiente que há pouco se respirava, indispensável a um robustecimento eficaz e de acordo com as intenções patenteadas pelo Conselho Confederal, desde a sua primeira reunião. Nas sessões já realizadas em várias terras do país, verificou-se o entusiasmo com que os trabalhadores se manifestaram perante os delegados da C. G. T., entusiasmo que reflectia fortes desejos de levantamento de toda a Organização.

Os elementos da província, que serenamente e sem paixões puderam apreciar os funestos efeitos da desagregação verificada, foram os que melhor compreenderam a elevada atitude de conciliação e superior espírito de tolerância do Conselho, atitude que tende à verdadeira união de toda a classe operária organizada.

Quem o não o quis reconhecer, para dar alento a outros pontos de vista—alegando motivos insubsistentes, com os quais a maioria discorda—só procurou agravar a situação especial por que a organização passou, a qual não podia ter outra solução para aqueles que sinceramente lutam e, ante as circunstâncias excepcionais da actual conjuntura, analisam o perigo que nos cerca.

A rapidez com que se estão constituindo, em localidades importantes, comissões delegadas de vários sindicatos, com o fim de fazerem ressurgir os organismos locais até há pouco adormecidos e estabelecerem o mais franco e leal apoio às resoluções tomadas no sentido de terminar com uma situação deveras lamentável, de permanente e recíproco ataque, são os maiores incentivos à obra que a C. G. T. se propõe realizar.

Convencidos de que os mal entendidos e até as próprias desinteligências pessoais se apagarão breve, perante a formidável necessidade—de todos intuitiva—de se enfrentar com decisão os complexos problemas económicos e sociais que nos interessam, estamos por isso dispostos a contribuir para que rapidamente se verifique esse rejuvenescimento.

O que ainda poderia servir de pretexto para se afirmar não existir a completa homogeneidade em toda a organização confederada, estamos certos que breve desaparecerá, por uma questão das próprias necessidades internas dos organismos que ainda se mantêm afastados da central operária, necessidades já por eles reconhecidas, para que um trabalho de conjunto se possa realizar, o que vem demonstrar exuberantemente a visão do C. C. na sua resolução, o mais harmoniosa e consentânea com os interesses de todos.

Ainda esta semana reunirá o Conselho para tratar de assuntos transcendentes e que irão satisfazer os desejos patenteados através do país. Das suas resoluções, que serão o natural complemento das tomadas anteriormente, dependerá o desenvolvimento rápido da Organização. Esperemo-las, confiados no critério que as inspira e no elevado espírito de coordenação já constatado. Alimentemos, pois, a esperança de que este período traga para a Organização os melhores resultados e ela caminhará, impulsionada por esse entusiasmo e pela acção que, em seu redor, se está desenvolvendo para esse fim.

Luta que recende

TETUÃO, 10.—Fortes grupos de dissidentes estão atacando com maior frequência os combóios militares. O estado maior espanhol está estudando a forma de reprimir com energia estes ataques. (L.)

QUADRO EXPRESSIVO

Dez mil: cifra trágica dos pequenos mendigos que pedem esmola pela cidade

Dez mil! Número trágico e expressivo. Síntese de miséria e de ódio. A estatística fala por uma cidade de dor, por uma floresta de mendigos.

Dez mil é o número de crianças que vagam pela cidade, num cortejo satânico. É a cifra colossal dos desgraçados que mendigam de porta em porta em demanda de uma buxa dura para o caldo de seus pais, em procura de uma esfarrapada nota para a compra de uma pitada de açúcar para seu irmão mais novo que aguarda em casa o regresso dos peregrinos.

Encontramo-los em toda a parte: aos portais palacianos e vasculhando, confundindo-se, entre montureiras abjectas. Muitos desses infelizes não conhecem o pai. Sabem apenas quem é sua mãe.

Seu pai morreu há dois anos—disse-lhe a mãe. Era um bom homem, excelente chefe de família, honesto trabalhador, segundo lho garantiram.

Todavia, não se lembram do autor dos seus dias, não sabem mesmo se ele existiu. Disseram-lhe que tiveram pai, aliançaram-lhe que não vieram ao mundo por obra e graça do menino Jesus. No entanto, ao certo, nada sabem.

—Como te chamavas?

—Atóinho.

—E o teu pai como se chama?

—Morreu há dois anos, físico.

E o garoto, expresso de nomada, parte veloz em direcção ao primeiro cavaleiro que passa, implorando a triste esmola: —Dá-me alguma coisinha, que não tenho pai!

A alcova desses mil farrapos humanos é nas escadas sordidas e repugnantes, nas ruínas das Encomendas Postais, nas arcadas do Terreiro do Paço, nos portais das escadas e onde a polícia não se incomode e o frio não lhe lacerar as carnes.

Vivem aos bandos, formando bazaros cachos humanos, quando enovelados dor-

mem a sôno solto. Cinco, sete, dez anos, uma infância mergulhada nos fossos da miséria.

O seu nome é substituído por uma alcunha. O Tonecas, O Miroloho, O Zanaga, O Piolhoso. O hábito de serem tratados e tratados-se pelo «sobriquet» apagou-lhe da memória o verdadeiro nome—o nome que sua mãe lhe disse.

Estes são os farrapos humanos que vivem, como foi dizer-se, ao Deus dará, sem eira nem beira, e que tem como estância de repouso os calabouços do governo civil ou a Tutoria da Infância.

Estas são as crianças de que o Pósto Antropométrico tem as impressões digitais. São os filhos do crime, os futuros hospedeiros do Palácio Conde de Andeiro.

Mas há outra legião de infelizes que mendiga por Lisboa, que pede esmola porque tem seu pai no hospital, porque sua mãe está na cama, ou porque sua irmã está tuberculosa.

Pelos cafés, por todos os estabelecimentos da baixa, passa um garoto, seis anos apenas, que vende cautelas. Ao aproximar-se de uma mesa, o garoto suplica:

—Compre-me uma cautelinha que tenho o meu pai no hospital...

No dia seguinte, na mesma peregrinação, a criança volta ao mesmo estabelecimento repetir a frase:

—Compre-me uma cautelinha que tenho o meu pai no hospital...

E, entretanto, à porta da casa, uma mulher aguarda o resultado da choraminguissa do pequeno, que tanto pode ser filho dela como de outra pessoa.

Por toda a cidade, no mesmo cortejo andrajoso, passam outros pequeninos, reflectindo um pedaço da Dor que se oculta em muitos peitos, exteriorizando a Desgraça que se esconde em imensos tugúrios.

E depois ainda se estranhará que a criminalidade ofereça aspectos assustadores?

Notas & Comentários

Elogio infeliz

O órgão da actual situação mostrava um grande regozijo por ter sido dada à Igreja de Roma a capela portuguesa de Santo Amaro. Afirmava que esse facto reatava a tradição que portanto, se regressava à tradição o que «constitua o maior e o melhor elogio desta situação».

Conclui-se daqui que o trabalho mais importante desta situação consiste na entrega gratuita a Roma duma capela que era do Estado português. Desejariamos agora que o Portugal nos dissesse se esse facto nos tornou mais livres e se podemos esperar que, por meio dele, a carestia da vida se atenuar e a crise de trabalho se resolva.

Insolência

O Portugal estranha que os jornais de grande informação não tenham espaço disponível para elogiar uma iniciativa tomada por alguns oficiais da guarnição de Braga.

O caso não se prende com este jornal que não é órgão de grande informação devido aos seus recursos, que são os do operariado, o não permitiriam. Isso nos permite comentar a extraneidade do Portugal e replicar que nos admirariamos que esses jornais ainda tenham espaço para publicar entrevistas com ministros—se ignorássemos o estio moral das suas empresas.

Também se assim não fosse o órgão do governo seria em vez de insolente—correcto e delicado.

A cidade às escuras

Lisboa é uma das cidades mais mal iluminadas. Há ruas mergulhadas na mais densa treva, porque os candieiros existentes servem para tudo menos para irradiar luz.

E a pouca luz que parte das lâmpadas ou dos arcos voltaicos é insuficiente. Dizem-nos que a voltagem da energia fornecida pela Companhia do Gaz e Electricidade deve ser de 220 volts. A verdade, porém, é que a corrente é de 150 volts.

É isto faz-se porque a Companhia é um feudo poderoso e intangível.

A fuga

A fuga desordenada para o estrangeiro dos trabalhadores portugueses acausados pela fome, continua com todo o seu cortejo de miséria. A semana passada abandonaram o país mais de duas centenas de nativos que há muitos meses não tinham em que ganhar o pão.

Há aspectos desoladores da emigração. Nas Beiras existem povoações onde só residem velhos e crianças. Os homens e mulheres válidos emigraram, foram em procura dos meios de existência.

Triste quadro este da sociedade portuguesa!

Os mouros em actividade

TETUÃO, 10.—As autoridades espanholas descobriram grandes depósitos de munições em Adjedir, o que confirma as informações de que os mouros preparam um movimento de rebelião, de que os sucessivos ataques aos combóios eram já um indicio. Na zona espanhola de Tenger há grande movimento de tropas, tendo a engenharia entrado já em acção e a artilharia pesada tomado posições. (L.)

A GUERRA NA CHINA

A derrota dos ingleses

SHANGAI, 10.—A situação em Hankow continua sem mudança, mantendo-se os subditos britânicos concentrados nos edifícios da Asiatic Petroleum Company, segundo as instruções recebidas do almirante Cameron. Os comerciantes recusam-se a recomençar a vida comercial sem obterem absolutas garantias de salvaguarda das suas vidas e propriedades. A paralisação dos negócios afecta não só os comerciantes britânicos como também os próprios chineses, que assim se encontram sem mercadorias para os seus comércios. (L.)

O comércio britânico encerrado

SHANGAI, 10.—As casas inglesas de Hankow, fundando-se no facto de haverem sofrido grossas perdas por causa dos ataques à residência britânica, recusaram-se a reabrir as portas antes da chegada do representante do seu país esperado amanhã. (L.)

Informação de origem tendenciosa

LONDRES, 10.—Segundo notícias da China, os meios oficiais britânicos anunciam que os cantoneses consentiram em retirar as tropas da concessão britânica de Hankow, que serão substituídas por forças de polícia inglesas. (L.)

Cada vez mais chinesa

SHANGAI, 10.—Um triunvirato de ministros cantoneses assumiu a administração provisória da concessão britânica de Hankow. (L.)

Uma represália

PEKIN, 10.—A canhoneira norte-americana «Altene» capturou dois navios rebeldes ao governo de Pekin. (L.)

Chineses aos cardumes

SHANGAI, 10.—O almirante Cameron, comandante da frota inglesa em serviço no rio Yang Tse, ordenou o alojamento dos seus compatriotas na sede da Asiatic Petroleum Company. Em Hankow encontram-se 40.000 homens das tropas cantoneses. (L.)

Um protesto de Cantão

SHANGAI, 10.—O governo de Cantão enviou um protesto ao gabinete norte-americano contra o aumento da esquadra americana nas águas chinesas. (L.)

A atitude do Japão e da América

TOKIO, 10.—O governo não respondeu ainda oficialmente ao «memorandum» inglês sobre a China. Aguarda para se orientar a atitude dos Estados Unidos. (L.)

A série interminável

LONDRES, 10.—O almirante delibrou enviar mais duas canhoneiras da esquadra do Mediterrâneo para a China. (L.)

Descoberta de armamento

ROMA, 10.—A polícia descobriu num subterrâneo em Collette, no Piemonte, um grande depósito de armas pertencentes aos comunistas. Foram encontrados alguns milhares de espingardas, pistolas, metralhadoras e um pequeno canhão, além de grandes quantidades de munições. (L.)

Leiam o Suplemento de A BATALHA

SINDICALISMO E ANARQUISMO

ENCARANDO AS REALIDADES

O meu contraditor, possivelmente na melhor das intenções, pretende encontrar-me em contradição ao asseverar que eu, em certas passagens do que hei escrito, defendo a neutralidade, o amorismo do sindicalismo, a despeito de me considerar sindicalista revolucionário. Simplesmente não faz a revolvendo demonstração, o que anula o aserto.

Na verdade, não seria fácil ao meu antagonista provar aquela afirmativa, porquanto nunca lhe vi sustentar que o sindicalismo deve ser neutral como facto e muito menos amorismo, no que se apuraria uma concepção curiosa, pois nesse caso o sindicalismo não seria nada, quando é certo que para mim não vale menos que o anarquismo. O que tenho dito — e isto é fundamental — é que a organização sindicalista deve abrir as suas portas a todos os trabalhadores, sem olhar aos credos destes, exactamente porque é um agrupamento de classe e não de tendência, e nisto se distingue do anarquismo, que agrupa por afinidades.

E já que se me atribui um conceito que não pertinho, como é aquele da pretendida neutralidade do sindicalismo, vem a propósito aclarar que quando predico a independência da C. G. T. face às Internacionais existentes, quero isto dizer que sou contra todas elas, o que não significa indiferença, alheamento, isto é, neutralidade, mas oposição, no que há uma considerável diferença. Mas admitindo que, em vez de oposição, houvesse proposto a neutralidade em presença das referidas Internacionais, seria ainda isto coisa muito diversa do que sustentar que o sindicalismo deve ser neutral.

Nada, pois, de confusões, tanto mais que se entendo que o sindicalismo deve manter-se alheio a todas as tendências é porque considero que ele não carece de muletas, ao contrário do que pensa o meu opositor, que o quer enfiado ao anarquismo.

Interpretando ainda à sua maneira os vocábulos anarquismo e libertarismo, aligera-se ao meu contraditor que o elemento avançado a quem me tenho referido, e que aquele foi o primeiro a trazer a esta discussão, não faz tão funda diferença entre os dois termos, quando é certo que o autor da Organização Social Sindicalista não tem os dois citados vocábulos como sinónimos, conforme eu já disse, estando habilitado a reafirmar que também o mesmo esclarecido espírito considera o libertarismo muito mais amplo que o anarquismo.

E uma vez que falo na Organização Social Sindicalista, que o meu opositor considera um trabalho lapidar, tendo-lhe já antes entoadado muitos ditirambos, pelo que me dá o direito de concluir que está de acordo com o que nele se contém, recor-

dar-lhe hei que nessa brochura se proclama que o sindicalismo é uma organização social que se basta a si própria, o que está em contraponto ao critério exposto neste jornal pelo meu contraditor, que, conforme temos visto, sustenta a tese contrária. Ora havemos de convir que isto é de atordar.

Passando sem detença por de sobre o tal espelho, que é na verdade uma imagem catita, não deixarei de examinar o esclarecimento prestado pelo meu opositor, e vem a ser o de que formulou o seu critério nos elementos colhidos no estudo de longos anos em questões sociais, o que não contendo, por o saber pessoa ilustrada, como aliás já disse. Cabe-me apenas juntar que o seu estudo é todo livreiro, pecando, além disso, por unilateral, visto que tendo lido muito anarquismo, mostra não haver lido sindicalismo, e se o tem lido é evidente que o não tem assimilado.

Eu não tenho estudado tanto como desejaria, e se tenho estudado pouco não é porque possua horror por essa útil função do espírito, mas porque o tempo que poderia dar ao estudo o tenho empregado na organização operária, o que, por razões que atendíveis, não tem sucedido com o meu opositor, que pouca actividade lhe há dado. É e seguramente esta uma das principais razões porque na presente discussão está pisando um terreno falso, pois a vida prática, a observação directa dos factos, não são menos essenciais do que os elementos colhidos teoricamente, os quais nem sempre se ajustam perfeitamente às realidades da vida.

Se o meu antagonista, como diz, e eu acredito, serve o seu ideal com desinteresse e coloca o que entende ser o seu dever acima de amizades e simpatias, não porá certamente em dúvida que da banda de cá se faça o mesmo, visto que se eu colocasse a amizade e as simpatias num nível superior às questões de justiça, não viria, por exemplo, a combater as estranhas concepções sobre sindicalismo dum camarada que certamente não tem contado no número dos seus inimigos pessoais. E acrescentarei que para que continue a andar na vida tranqüilo basta que tenha a consciência, como tenho, de que neste debate me hei conduzido com correcção, embora sem lamechias nem intuosidades, que são atributos que não quadram ao meu fêlito, pois prefiro a franqueza.

Resta-me apreciar o último dos artigos do meu contraditor, que é também o mais arvesado de todos o que farei proximamente.

Alexandre VIEIRA

O CASO DA FIGUEIRA DA FOZ

O agente da P. I. C. do Porto, José da Costa Queiroz, confirma a campanha de «A Batalha»

COIMBRA, 9.—Para completo esclarecimento deste já agora tão célebre caso, não nefando caso, uma pessoa faltava ouvir. Essa pessoa era o agente da P. I. C. do Porto, José da Costa Queiroz, o agente que pela primeira vez veio à Figueira da Foz tratar de apurar quem eram os responsáveis da ocorrência de 22 de Agosto no quintal da residência do sr. Fernando Mendes, de que foi vítima a menor Margarida Moura.

O correspondente deste diário em Coimbra, aproveitando uma ida ao Porto, deliberou interrogar sobre este assunto, que muitos têm interessadamente buscado emaranhar, o referido agente Queiroz. Dirigiemo-nos para tal fim ao edifício onde está instalada a P. I. C. e lá encontramos o agente Queiroz, que, depois de esclarecido sobre a nossa identidade, pronta e solitamente nos atendeu.

—Informe-nos: já que conclusões o levaram as investigações que realizou?

—As conclusões a que cheguei, depois dum largo trabalho de investigação e depois de amplamente haver submetido a interrogatórios e acarações a vítima do assalto e os seus indigitados autores, podem resumir-se nisto: um dos autores do referido assalto e consequente violentação da menor Margarida—é o dr. Diogo Xavier.

—Está disso convencido?

—Absolutamente. Não tenho a menor sombra de dúvida a este respeito.

—Quais as determinantes dessa ilacção?

—Entre outras atitudes daquela que a Margarida apontava como um dos assassantes, as frequentes e gravíssimas contradições em que caiu o indigitado criminoso não me permitiram ter outra opinião.

—Alguém nos disse que o dr. Xavier pretendia anular as suas investigações subornando-o...

—Nunca confidenci tal a ninguém. Aquilo que pode ter sido origem a essa afirmação deve ter sido uma frase que me dirigiu o dr. Xavier no final dum interrogatório a que o submeteu.

—Disse-me ele: «Sabe, eu e o visconde de Montargil estamos resolvidos a desembolsar, cada um, 500\$000...» Isto foi o que ele me segredou com ares misteriosos...

O nosso entrevistado acusa o administrador do concelho da Figueira

—Diga-nos: entregou na Administração do concelho da Figueira algum relatório das investigações que realizou? E nesse relatório acusava o dr. Diogo Xavier? Sómente este ou mais algum?

—Das investigações que efectivei resultou somente a descoberta dum dos autores do assalto à Margarida. Sobre as investigações desta ocorrência redigi um relatório que entreguei na Administração do concelho.

—Nós estamos informados de que até hoje, não obstante o próprio delegado do Ministério Público na Figueira o haver requisitado, tal relatório não apareceu ainda. Qual é a sua opinião? Não teria o relatório sido sonegado pela autoridade administrativa que tem neste caso manifestado uma extraordinária parcialidade?

A crise de trabalho

A crise de trabalho é a consequência directa do sistema económico em que se baseia a sociedade capitalista.

Uma sociedade bem organizada tem de assegurar a todos os seus membros o bem estar a que eles têm incontestável direito, dentro duma inofensível igualdade de direitos e de deveres. A actual sociedade não se preocupa em satisfazer as necessidades humanas, mas sim em atender exclusivamente ao interesse burguês que é o interesse duma classe, duma classe que é dentro dela uma insignificante minoria. Os restantes membros dessa sociedade—uma maioria esmagadora—são inexoravelmente sacrificados.

A produção, a distribuição e o consumo dos artigos necessários à vida deviam ser rigorosa e metodicamente organizadas, tendo em atenção o interesse colectivo.

A sociedade só devia produzir na medida da capacidade e da necessidade dos seus membros. Tal não acontece. A produção está organizada segundo o interesse individual e o interesse capitalista aconselham.

Dai resulta que se assiste a este paradoxo tremendo: estalar uma crise de trabalho na indústria têxtil, quando a maior parte das pessoas escondem o seu corpo entre farrapos; paralisar o trabalho em indústrias devido, não à falta de consumidores da sua produção, mas sim ao facto de os consumidores estarem impossibilitados de adquirir os produtos de que carecem.

Actualmente existe uma grande crise de trabalho, que afecta todas as classes operárias. Como se compreende que existam operários da Construção Civil sem terem onde empregar a sua actividade, se há uma grande crise de habitações, se nem sequer existem edifícios para escolas e hospitais? Se o direito à habitação não fosse uma burla, certamente que o número de operários da Construção Civil existente não chegaria para elevar todas as edificações de que a população necessita.

A crise atingiu a própria indústria da alimentação—e sabe-se que a maioria da população se debate na miséria.

A indústria do mobiliário tem muitos operários desocupados—e um grande número de pessoas não têm sequer uma cama para se deitar.

Se formos examinar as causas da crise de trabalho nas restantes indústrias chegaremos à mesma conclusão: existem consumidores, que devido às iníquas leis económicas, estão impossibilitados de adquirir os produtos de que urgentemente carecem.

Acontece ainda que a crise de trabalho numa determinada classe se repercute sobre as outras. Um operário é, simultaneamente, produtor e consumidor. Se a classe a que pertence se encontra em crise e por ela foi atingido, não recebe salário: impossibilitado de produzir, fica, é claro, impossibilitado de consumir. Não consumindo determinados produtos, os produtos de que mais urgentemente carece, vai provocar a crise na classe que os fabrica. Resulta de tudo isto que a crise de produção é provocada pela crise de consumo. Deste modo ficam as classes trabalhadoras com a sua actividade reduzida, visto que só os ricos, os capitalistas estão em condições de consumir, não só para satisfação das suas necessidades como para satisfazerem o seu desejo insaciável.

A crise de trabalho é, portanto, além da consequência da má organização da sociedade a demonstração mais prática de que dentro dela só uma classe tem direito à vida: a classe burguesa.

O operariado não é culpado da maneira defeituosa como está organizada a sociedade. Colocado dentro dela na situação de vencido é, forçado, pela força das circunstâncias, a ser vítima de erros que não criou e a pagar crimes que não cometeu.

Maneira de acabar com esta trágica e insustentável situação: substituir a actual sociedade por outra organizada no trabalho e na liberdade que atenda a todas as necessidades humanas. Nesse sentido devem lutar as classes operárias orientadas pelos métodos do sindicalismo revolucionário, embora sem perder de vista as questões do dia a dia que requerem uma solução mais rápida e menos profunda e complexa.

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049
Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha
HOJE — HOJE
A PEÇA DE GARRETT
FREI LUIS DE SOUSA
QUINTA-FEIRA: A peça
A JUSTIÇA

TEATRO MARIA VITÓRIA
Telef. N. 3644
Grande Companhia de revistas
Hoje — às 8 h 1/2 e 10 h 1/2 — Hoje
A revista de grande êxito

Sempre fixe!
Números de maior sucesso!
Piadas da maior oportunidade...
2 — horas de gargalhada — 2

AVISO
A bilheteira abre às 13 horas. Venda de dia sem aumento de preço. A 2.ª sessão termina à meia noite e 1/2 h. em ponto.

A BATALHA na provincia e arredores
Montargil
O descanso semanal

MONTARGIL, 9.—Como era de esperar foi sol de pouca duração o descanso semanal nesta localidade, no que diz respeito ao comércio. Apenas se fez com alguma regularidade, durante 15 dias, para depois começarem a desrespeitar as próprias ordens administrativas.

Um grupo de ex-empregados no comércio, hoje estabelecidos, relatarem, em ofício à autoridade administrativa o cumprimento da lei, para que o encerramento se fizesse, mas não foram atendidos, o que é para lamentar, visto Montargil também ser terra que se rege pelas mesmas leis que as outras localidades onde o descanso semanal é um facto.

Em Ponte do Sôr, sede do concelho, continua sendo cumprido o horário de trabalho e o encerramento. — E.

Cascais
Aumento no preço da água
CASCAIS, 9.—Como noticiámos em primeiro lugar, a Câmara desta vila, sempre elevou o preço da água, passando a custar cada metro a bagatela de 2500. Justifica a Câmara esse aumento, e que os pobres, se quizerem água sem pagar, a podem ir buscar às fontes que existem. Assim, dizem eles, que o aumento só será pago pelos mais remediados.

Apreensão de peixe

Por ordem da Capitania foram apreendidos vários cabazes de sardinha que não tinham as dimensões legais e que se destinavam às fábricas. O mais interessante é que, no mesmo dia desta apreensão, chegaram a esta vila grandes quantidades de peixe, vindo de Lisboa, e com o mesmo formato, não nos constando que as autoridades marítimas tivessem intervenido no caso, donde se conclui que há protecção. Mais nos informam que um dos indivíduos que mais têm protestado contra essa deliberação, é um dos proprietários duma fábrica, o mesmo que agora fez parte duma comissão junto do ministro, a quem pediu para que fosse estabelecido o regime de dimensões, com que ainda há meia dúzia de dias não concordava. Isto é que é critério.

Soma e segue.

Biblioteca Municipal
Continua a ser muito frequentada esta Biblioteca, que se encontra aberta todas as noites, das 20 às 23 horas, devendo dentro de pouco tempo adquirir mais uma grande porção de livros. — (C.)

Catarros, toses, bronquites, ronquidão, pigarro, mau hálito
curam-se rapidamente com as cigarilhas medicinais

Belsaude-Viteri
Desinfectam profundamente as vias respiratórias; fortalecem as cordas vocais. Desoprimem os asmáticos permitindo sonos tranquilos.

Deve-se engulir o fumo
Pacote com 24 cigarilhas fracas, esc. 3500
Fórmula forte 4500
fortíssimo 5500

DEPÓSITO
Vicente Ribeiro & C.
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.º

MALAS POSTAIS
Pelo paquete «Meduna» são hoje expedidas malas postais para Dakar, Bissau, Bolama, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, senão da estação central dos correios a última tiragem de correspondências às 7 horas da manhã. Por via Marselha também seguem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau, fazendo-se a última tiragem às 11 e 45 minutos.

Teatro Apolo
Telef. 3049 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a espirota opera
MOURARIA
em 5 actos, original de Lino Ferreira, S. Tavares e L. Lauer, musicada pelo maestro Filipe Duarte.
Protagonista:
Adelina Fernandes
PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 3500; 2500; 1000. Fautuils, 900. Cadeiras, 600. Geral, 2500

Teatro da Trindade
TELEF. N. 976
HOJE, às 9 h 1/4 da noite, em ponto
Companhia Lucília Simões-Erico Braga
Representação da peça em 3 actos e 4 quadros de Victor Marguerite, trad. de Pereira Coelho e Matos Sequeira.
A Garçonhe
(La Garçonhe)
Monica Lavier, LUCILIA SIMÕES
Nos outros papéis: Anabela Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Isidro, Maria Cristina, Julia Silva, Lida de Almeida, Joaquim Almada, Samuel Dias, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Gonde, Rebelo de Almeida e ERICO DRAGA.
A CANÇÃO DAS MONTANHAS
pelo barítono Eduardo Mattos
Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

O amor do próximo e o culto que dele faz um servo de Deus!

Na repartição das classes inactivas, que uncionava no ministério da guerra, há um padre que se chama Sousa, que se propõe regenerar o mundo descompondo quem nenhuma responsabilidade tem, certamente, uma depravação dos costumes.

Padre Sousa, homérico moralista, tem qualquer encargo no pagamento de pensões por conta do Estado. A par-da sua função burocrática, o digno servo de Cristo tem uma mania que não deixa de ser risível como todas as manias dos idiotas. Ele quer que todas as senhoras que ali vão receber uma pensão a que, por várias circunstâncias, têm direito, ostentem uma indumentária «à moda do Minho».

Senhora que apareça a receber o seu dinheiro sem ostentar chale e lenço, embora não seja mais ou menos digna por isso, tem de ouvir resignadamente um sermão que nunca prima pela correcção, mas pretende jactanciosamente condenar uma luxúria cuja mais alto exemplo reside, afinal, na moral do padre austero.

Vários conflitos tem suscitado a moralidade do padre Sousa, que continua, todavia, aguardando um lugar no céu para descanso dos sacrificios que tem na terra. Benza-o Deus!

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Um velocipedista arrogante

Publicámos há dias, assinada por Serafim Lopes, uma carta acusando o proprietário da casa Velo-Operário, calçada dos Barbadinhos, 178, de actos pouco regulares praticados sob a protecção do chefe da esquadra do Vale de Santo António.

O visado, que é o nosso camarada estivador Carlos Campos, acompanhado de alguns moradores do sítio, esteve nesta redacção munido de documentos pelos quais reafirmava todas as acusações.

Para que o assunto ficasse devidamente esclarecido convidámos no número de ontem o acusador, Serafim Lopes, a vir à nossa redacção a fim-de na presença do atingido provar o que escreveu.

Porém, Serafim Lopes não compareceu dando-nos a impressão de um indivíduo que além de mentiroso era covarde, pois eximise-se à responsabilidade de um acto de que era autor.

O nosso camarada Carlos Campos contestou então, nos termos que vão ler-se, os argumentos da carta do seu acusador:

1.º Não é verdade que seja protegido pelo chefe da esquadra da área, visto que, entre outras razões no curto prazo de seis meses, pelos seus subordinados, foi multado 14 vezes, como o provou pelas contra-fés que nos apresentou.

Também não é exacto que os moradores protestem contra essa protecção como o declaram os srs. João dos Prazeres, Fernando Roque, Manuel Barroca, Rogério dos Prazeres, Manuel Roque, Artur Antunes, moradores no bairro.

2.º As obras de que fala Serafim Lopes foram feitas com autorização, como se prova pela licença camarária, e vistoriadas por peritos.

3.º O aluguer de bicicletas é feito dentro dos termos legais. E a prová-lo está o cabo Barata — aquele a quem se refere Serafim Lopes — ordenar as guardas que espereem a casa Velo-Operário e multem todos os alugadores de bicicletas que não tenham licença.

4.º Contestou também o nosso camarada Carlos Campos o argumento de que o sítio não seja policiado para o favorecer. Se esse policiamento não se dá a culpa não lhe pertence como atestaram as pessoas que o acompanhavam.

Recordando: Carlos Campos foi vítima de vários ódios de um reles inimigo que no momento crítico fugiu como covarde. E nós fomos iludidos na nossa boa-fé porque supeámos tratar-se de um indivíduo de carácter, esse tal Serafim Lopes, quando, afinal, se trata de um servandija.

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4353
Hoje, às 21,30 horas
A representação da comédia alemã
O PÉ DE SALSA
Adaptação dos escritores Bermudez, Bastos e A. Brun

TIVOLI
Rua sem Sol
(La Rue Sans Soleil)
em que se apresenta, pela 1.ª vez em Lisboa, a grande actriz sueca
GRETA GARBO
Noutros papéis principais:
Asta Nielsen, Condessa Esterhazy e Werner Krauss
Realização de G. W. PABST
Portugal na Califórnia
Documentário da obra dos portugueses na Califórnia
Revista Cinematográfica
Uma Cine-faça
Audição especial pela orquestra sob a direcção do maestro NICOLINO MILANO

A's 21 horas

Leque de Lady Margarida
e para satisfazer inúmeros pedidos, uma única reprise.
Quinta-feira, à noite
Espectáculo especial para crianças

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Coliseu

As óperas «Cavalaria Rusticana», «Palhaços» e «Rigoletto»
Cavalaria Rusticana e Palhaços são duas óperas que o público de todos os países sabe de cor e que admira com um entusiasmo que poucas outras óperas conseguem disfrutar. Estas duas obras primas de simplicidade musical que uma estupefacção popularidade celebrisou, andam ligadas em alguns dos seus trechos a todas as variedades musicais. Quem não ouviu o Intermezzo, a «Siciliana» e o «Brinde da Cavalaria»? Quem não conhece o prólogo dos «Palhaços»? Bem fez, portanto, a empresa do Coliseu dos Recreios em fazer ouvir estas duas óperas, incontestavelmente duas das maiores enleves do público alfacinha. Como foram elas cantadas? Correctamente ambas, mas a Cavalaria melhor do que os Palhaços. Na Cavalaria dois belos artistas dominaram inteiramente lírica e dramaticamente: Cristoforeanu e Marini. A forma intensa como e outro dramatizaram, cantando, a linda partitura de Mascagni foi qualquer coisa de invulgar. O brinde, que Marini cantou com uma estranha vivacidade, causou justa sensação.

Os corpos dos Palhaços afinados, seguros, tendo o tenor Bergamaschi cantado com boa voz o solo de entrada.

Optimo Rigoletto foi o de domingo no Coliseu dos Recreios. Uma artista portuguesa, discipula ditada desse professor consciencioso, delicado e completo que é Antonio Trindade, Raquel Bastos demonstrou mais uma vez a sua apuradora escola, e a maleabilidade da sua voz fresca e bem timbrada.

No «Caro nome» obteve uma intensa ovacão, das maiores a que temos assistido em espectáculos líricos. Depois, no decorrer da ópera, manteve a sua proficiência e lirismo de timbre, tendo sido por vezes saudada com estrepitosos aplausos. O «Rigoletto», encarregado ao barítono Tagliabne, é dos melhores que têm vindo a Lisboa. Na conhecida ária da «maldição» do 3.º acto foi extraordinário o entusiasmo com que ele foi acolhido e de tal forma que foi obrigado a bisar entre grandes aclamações. O tenor Cristó, consciencioso artista que já cantara muito bem a «Manon», brilhou de veras com o seu agradável timbre de voz e rigorosa afinação, tendo executado a célebre ária do último acto «La donna è mobile» com uma honestidade rara, por isso que evitando floreios de voz, se enquadrou na partitura cantando tão somente o que nela está escrito. Se a educação musical do nosso público fosse mais elevada devia ter-lhe sido tributada uma manifestação de apreço. Assim é que se canta. Um cantor tem principalmente de usar probidade não se deixando arrastar por proterias de voz. Muito firmes as vozes masculinas dos corpos.

Nogueira de BRITO
No Trindade

As enchentes de todos os dias no Trindade provam o êxito da grandiosa peça «A Garçonhe», interpretada ultra-brilhantemente pela companhia dos ilustres artistas-empresários Lucília Simões-Erico Braga. E, na verdade, mais do que um êxito, um autêntico triunfo artístico, que as senhoras são as primeiras a proclamar como uma peça que lhes dá ensejo a admirar uma obra que pretende morder costumes e reprimir vícios que a moda quasi impôs. Lucília Simões nesta peça tem uma das maiores cores de artista, secundando-a brilhantemente todos os demais intérpretes.

No Eden
Dnas enchentes teve-as ontem o Eden, nas duas sessões, que, com «O Fado do Operário», «Ave Maria», «A Camponesa», «O Emigrante» e «A Menina do Conservatório», do quadro novo «Fora de Horas», continuam causando entusiasmo. Essa ampliação da imortal revista «Cabaz de Morangos», repete-se hoje, em duas sessões.

No Ginásio
Hoje é a última noite em que no teatro do Ginásio se representa, pelos preços actuais, a sensacional peça, de Ramada Curto, «O Caso do Dia», que é bem a cor-de-arte de artista da ilustre comedianta Amelia Rey Colaço, sua principal intérprete, pois que, depois de amanhã, se efectua, com aquele ruído que só os grandes acontecimentos provocam, a estreia da formidável artista Conchita Ulla, única no seu género e que, tendo-se feita portuguesa, é em Portugal, no teatro de Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, que volta a conquistar os aplausos vibrantes do público.

No Apolo
Está a brilhante Companhia Almeida Cruz ainda no galarim, mercê do sucesso formidável, que no Apolo está obtendo todas as noites a «opera Mouraria», única que se representa em sessões, duas cada noite, a preços de cinema e sem locação e também a peça que melhor fala ao coração do público, na voz de Adelina Fernandes e Margarida Ferreira, ambas cantando o Fado enternecido e sentimentado.

No Variedades
A engraçada comédia «Frua Verde», em scena no teatro Variedades, no Parque Mayer, desempenhada pela popularíssima companhia de comédia e farça Maria Matos-Mendonça de Carvalho, continua fazendo de as delicias do público que pretende divertir-se sem preocupações nem cuidados, dando alegria e vida à própria cidade. Repete-se hoje.

No Maria Vitória
Continua em pleno sucesso a revista «Sempre fixe», em scena no Maria Vitória, o teatro mais popular e mais concorrido de Lisboa. Nenhuma peça deste género reúne tantas qualidades e tantos atractivos. São duas horas de prazer em cada sessão, que o público deve apreciar com volúpia,

Rua sem Sol
Drama realista extraído do romance de Hugo Bettauer e um super-film de arte, evocando as tragédias que se deram em Viena, após a guerra, na época de grande inflação, e em que as especulações arrastaram os capitalistas à ruína e as famílias à desgraça.
RUA SEM SOL é um film original e alto-mente artístico, de um ritmo, por vezes, alucinante.
Não é espectáculo para meninas
Em virtude do extraordinário agrado que teve o
Leque de Lady Margarida
e para satisfazer inúmeros pedidos, uma única reprise.
Quinta-feira, à noite
Espectáculo especial para crianças

A's 21 horas

Leque de Lady Margarida
e para satisfazer inúmeros pedidos, uma única reprise.
Quinta-feira, à noite
Espectáculo especial para crianças

OS QUE MORREM

Casimiro Firmino

Casimiro Firmino morreu ontem, às 5 horas da manhã. A triste nova foi-nos dada à noite, na redacção, naquelle sítio onde algumas vezes o vimos cheio de vigor, ardente de entusiasmo pela causa do proletariado.

Com a morte de Casimiro Firmino perde a mocidade revolucionária um elemento de valor. Não sendo de uma larga cultura, o extinto possuía uma grande intuição das realidades.

Nas Juventudes Sindicalistas foi um militante ardoroso, combatendo nas horas de maior perigo, aparecendo quando outros desertavam receosos das perseguições.

Devido a esse temperamento de antes quebrar do que torcer, Casimiro Firmino foi preso em 1924 e arremessado para a Torre de São Julião da Barra. Ali passou as maiores inclemências, ali sofreu as maiores privações. Fome e miséria não lhe faltaram.

Nesse ergastulo adquiriu o moço revolucionário uma grave doença que jamais o abandonou. Procurou combatê-la em casa, mas tudo inutil. Aproveitou-se do auxílio do hospital e não infrutifero.

A doença minou fundo e tão fundo que ontem escureceu a tela da vida esse que em vida souber ser um lutador audaz, um camarada convicto, um idealista sincero.

O funeral do desditoso camarada realiza-se amanhã, às 15 horas.

José Maria do Carmo
Realiza-se hoje, pelas 3 horas da tarde o funeral do sr. José Maria do Carmo, estabelecido com oficina de sapataria na rua Alves Correia, n.º 186 (a S. José).

Notas várias da Lisboa triste
Policia qua se incompatibiliza com a vida

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, faleceu pelas 6 e meia horas da tarde Izidro José, policia n.º 179, que de tarde dentro do automovel n.º 414-A, no Campo Grande, tentou suicidar-se.

O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital.

Agredido na cabeça
No Banco do hospital de S. José recebeu curativo e foi para casa, Guilherme Ferreira, de 37 anos, servente de pedreiro, residente na vila Maria, 45, loja, no Caminho de Baixo da Penha e que foi agredido próximo da residência ficando ferido na cabeça.

Por bem fazer...
No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado e seguiu depois para casa, António Nunes Agapito, de 26 anos, natural de Lisboa, residente na rua de Santa Barbara, 54 2.º que foi agredido ao apartar uma desordem em Pedrouços, ficando ferido nas mãos.

Queda de desastrosa
No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu para casa, João Maria de Oliveira de 22 anos, marinheiro da Armada 671 residente na rua da Regueira 42 1.º, que caiu na rua dos Cavaleiros, ficando ferido na cabeça.

Da janela à rua
A Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, recolheu Maria de Jesus, de 20 anos, servilha, natural de Cintra, residente na rua Senhora da Glória 140 2.º que caiu da janela da residência à rua, tendo falecido horas depois.

A próxima conferência balcânica
CONSTANTINOPLA, 10.—Está despertando o mais vivo interesse a próxima conferência balcânica, sob os auspícios da Turquia, a qual tem por fim a conclusão dum tratado semelhante ao de Locarno, a assinar por todas as potências balcánicas e com excepção de qualquer interderência politica e estrangeira. — (L.)

Pois quem devia ser?...
BUDAPEST, 10.—A câmara alta fica tendo entre os seus membros 38 representantes da grande indústria. — (L.)

AGREMIACÕES VARIAS
Associação de Jardins-Escolas João de Deus.—Refine a assembleia geral desta instituição no domingo, 16 do corrente, pelas 14,30 horas. Não comparecendo número suficiente de sócios, fica desde já feita a 2.ª convocação para domingo, 23 do corrente, à mesma hora.

Grupo Libertário «Os Filhos da Liberdade».—Não tendo podido efectuar-se no passado dia 4, o sorteio promovido por este grupo, de Vila Nova de Gaia, a favor da criação duma biblioteca popular, ficou o mesmo sorteio adiado para o dia 16, pelas 15 horas, realizando-se na sua sede, rua General Torres, 143, onde também terá lugar uma interessante velada social. A-fim-de tratar de assuntos importantes, este grupo reúne na próxima quinta-feira, 13, pelas 22 horas

Nas oficinas da Companhia Portuguesa

De novo voltamos à questão. Não tendo desaparecido as causas que condenaram o pessoal da C. P. a uma autêntica escravidão, nem se verificando por parte deste o indispensável espirito de rebeldia perante as violências de que é vítima, nem por isso a Batalha deixará de verberar todos os atropelos cometidos em nome duma hipocrítica disciplina sobre os ferroviários.

Depois duma ausência prolongada no estrangeiro, o célebre engenheiro Sequeira, trouxe de lá um novo capricho e vai daí publica um aviso a todo o pessoal das oficinas, determinando que a passagem dos superiores todos os operários se descubram, não sabemos se colocados na posição de sentido...

Aquilo tem ido por conta-gotas e por esse andar não sabemos até onde irão em matéria de despotismo. Ser educado — é este o motivo apresentado no aviso — é acima de tudo respeitar a dignidade pessoal de cada homem e especialmente daqueles que estão sob as ordens doutros. Ser educado é não ofender essa dignidade com tratamentos indecorosos e violentos como os adoptados pelo referido engenheiro, para com os ferroviários. Ser educado é ainda não prejudicar materialmente os seus vencimentos, descontando dias e dias de multa, nem demitir por simples prazer, aqueles que vivem do seu trabalho. Ser educado é questão muito lata e que se não restringe ao cumprimento banal e neste caso subserviente.

Ser educado é sentir a vida nas suas mais altas manifestações, não prejudicando os nossos semelhantes.

E' esta a verdadeira concepção da Educação. Mas o sr. Sequeira não quer compreender estas coisas... Não quer ou não pode...

OS QUE MORREM

Casimiro Firmino

Casimiro Firmino morreu ontem, às 5 horas da manhã. A triste nova foi-nos dada à noite, na redacção, naquelle sítio onde algumas vezes o vimos cheio de vigor, ardente de entusiasmo pela causa do proletariado.

Com a morte de Casimiro Firmino perde a mocidade revolucionária um elemento de valor. Não sendo de uma larga cultura, o extinto possuía uma grande intuição das realidades.

Nas Juventudes Sindicalistas foi um militante ardoroso, combatendo nas horas de maior perigo, aparecendo quando outros desertavam receosos das perseguições.

Devido a esse temperamento de antes quebrar do que torcer, Casimiro Firmino foi preso em 1924 e arremessado para a Torre de São Julião da Barra. Ali passou as maiores inclemências, ali sofreu as maiores privações. Fome e miséria não lhe faltaram.

Nesse ergastulo adquiriu o moço revolucionário uma grave doença que jamais o abandonou. Procurou combatê-la em casa, mas tudo inutil. Aproveitou-se do auxílio do hospital e não infrutifero.

A doença minou fundo e tão fundo que ontem escureceu a tela da vida esse que em vida souber ser um lutador audaz, um camarada convicto, um idealista sincero.

O funeral do desditoso camarada realiza-se amanhã, às 15 horas.

José Maria do Carmo
Realiza-se hoje, pelas 3 horas da tarde o funeral do sr. José Maria do Carmo, estabelecido com oficina de sapataria na rua Alves Correia, n.º 186 (a S. José).

Notas várias da Lisboa triste
Policia qua se incompatibiliza com a vida

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, faleceu pelas 6 e meia horas da tarde Izidro José, policia n.º 179, que de tarde dentro do automovel n.º 414-A, no Campo Grande, tentou suicidar-se.

O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital.

Agredido na cabeça
No Banco do hospital de S. José recebeu curativo e foi para casa, Guilherme Ferreira, de 37 anos, servente de pedreiro, residente na vila Maria, 45, loja, no Caminho de Baixo da Penha e que foi agredido próximo da residência ficando ferido na cabeça.

Por bem fazer...
No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado e seguiu depois para casa, António Nunes Agapito, de 26 anos, natural de Lisboa, residente na rua de Santa Barbara, 54 2.º que foi agredido ao apartar uma desordem em Pedrouços, ficando ferido nas mãos.

Queda de desastrosa
No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu para casa, João Maria de Oliveira de 22 anos, marinheiro da Armada 671 residente na rua da Regueira 42 1.º, que caiu na rua dos Cavaleiros, ficando ferido na cabeça.

Da janela à rua
A Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, recolheu Maria de Jesus, de 20 anos, servilha, natural de Cintra, residente na rua Senhora da Glória 140 2.º que caiu da janela da residência à rua, tendo falecido horas depois.

A próxima conferência balcânica
CONSTANTINOPLA, 10.—Está despertando o mais vivo interesse a próxima conferência balcânica, sob os auspícios da Turquia, a qual tem por fim a conclusão dum tratado semelhante ao de Locarno, a assinar por todas as potências balcánicas e com excepção de qualquer interderência politica e estrangeira. — (L.)

Ultimas notícias

Passeio trágico

Desastre de automóvel de que resultou a morte do «chauffeur»

O «chauffeur» Armando Pedro dos Santos, de 21 anos, morador na rua Maria Pia, 286, 1.º, e seus pais, Francisco Pedro dos Santos e Amélia dos Santos, foram dar um passeio de automóvel pelos lados de Telheiras e Campo Grande.

No regresso a Lisboa, ao passar numa curva na estrada de Telheiras de Baixo, foi o carro chocar com uma parede, resultando a Amélia dos Santos ficar ferida na cabeça e o Armando com fractura do crânio, falecendo no banco do hospital de S. José, momentos depois de ali ter dado entrada e recolhendo o cadáver à casa mortuária.

A mãe, depois de receber curativo, recolheu a casa.

CARTA DO PORTO

Os directores da Santa Casa da Misericórdia pretendem afrontar a briosa classe dos enfermeiros

PORTO, 9.—Os directores da Santa Casa da Misericórdia juraram espelhar o pessoal enfermeiro. Todos os meios são bons, ainda os mais jesuíticos, para perseguir os seus subordinados. A classe dos enfermeiros está organizada na sua Associação profissional. Ao abrigo dos seus legítimos direitos, resolveu reunir-se numa assembleia geral extraordinária, a-fim-de ser tratado convenientemente o incidente ocorrido no hospital de Santo António, incidente, aliás, a que já fizemos referência noutra carta.

Para os espiritos de horizontes largos, não contaminados pela mesquinhez de vingativos propósitos, aquilo é a coisa mais natural desta vida social. Para a direcção, porém, da Santa Casa, é que a fruição duma tal regalia associativa deve ser encarada por maneira diferente: pela coacção.

Assim reflectindo, para que lhe havia de dar à direcção administrativa da Santa Casa da Misericórdia? Por informações que nos deram e que reputam bebidas em fonte segura, ela foi conversar com o chefe do distrito, no dia 5, para que ele embargasse, arbitrariamente, abusivamente, os trabalhos da classe dos enfermeiros.

O chefe do distrito, porém, avaliando a responsabilidade, pelo menos moral, que lhe acarretaria o cometimento duma atitude tão insólita, ter-lhe-ia respondido que a Associação de Classe dos Enfermeiros está dentro da legalidade e que, portanto, não tinha o direito de abusar da sua autoridade, praticando uma violação.

Como a direcção administrativa da Misericórdia não obteve a misericórdia, como desejava, de um condenável gesto impeditivo do bom funcionamento dos trabalhos da assembleia geral dos enfermeiros, parece que está no firme propósito, e como sinal de acintosos paga arrecibada pela mais insólita vingança, de apelar para o governo a-fim-de conseguir o consentimento da introdução, nos serviços hospitalares, das céleberrimas irmãs da caridade—lançando assim rancorosamente na miséria uma classe bastante sacrificada... Querem nos parecer que não se chega a permitir uma tal torpeza. No entanto, os factos se encarregam de nos elucidar.

Agora compete-nos fazer a seguinte pergunta, admitindo a veracidade dos informes: Se a direcção administrativa da Santa Casa não tem caixas encoroadas a exigir uma sua franca abertura dos segredos; se realmente, não se tem, involuntária ou voluntariamente, excedido na sua autoridade hierárquica do mando, para que é então todo esse interesse em amoldar o pessoal enfermeiro, procurando o obstáculo a que ele discuta os seus actos e se faça muita luz, luz a jorros, sobre o conflito? Esta atitude demonstra, claramente, a existência de qualquer coisa de anormal, fora dos seus eixos... Sempre ouvimos dizer: quem não deve não teme. Ora se a direcção do hospital de Santo António dá mostras de zozas, as tremuras, é porque alguma coisa deve... On a lógica é um repólio.

E por agora, fiquemos-nos por aqui—até breve.—C.

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45
ULTIMOS ESPECTACULOS
da grande companhia de bailarinos russos e divertimentos

Sascha Morgowa
Hoje—2 ESTREJAS 2—Hoje
os quadros de grande espectáculo
Happy Sisters
Transformações

CONCERTO pela FOZ MELODY BAND
No teatro: «Homem nervoso de ago» — 8 partes
PREÇOS POPULARES

Actor Santos Pitorra
Perfazendo, na próxima quinta-feira, 94 anos que nasceu em Lisboa o grande actor José Carlos dos Santos (Santos Pitorra), que foi uma das mais notáveis individualidades da scena portuguesa, o Grémio dos Artistas Teatrais inaugura nesse dia, pelas 17 horas, na sua sala de honra, o retrato do glorioso actor, fazendo nessa ocasião o elogio do grande artista, o ilustre professor Augusto Melo.

Carlos Santos, também artista distinto e filho de Santos Pitorra, dissertará sobre o teatro e a mentalidade dessa época. A entrada é pública.

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES
às 20,30 e



SINDICALISMO REVOLUCIONARIO

Os prelúdios da terceira C. G. T. em França

Realizou-se nos dias 15 e 16 de novembro do ano findo, na cidade de Lyon, o congresso dos sindicatos autônomos franceses. Neste congresso se constituiu a C. G. T. sindicalista revolucionária, impulsionada pela corrente anarquista.

Estiveram representadas, além das organizações nacionais, as seguintes organizações estrangeiras: centrais de Portugal, Holanda, Suécia e Alemanha, respectivamente Miranda, Lansink, Séverin e Buth.

A. I. T. estava representada por Lansink.

O secretário da federação francesa da Construção Civil, Boisson, na manhã de 15, deu início aos trabalhos do congresso, em nome da comissão organizadora. Fez uma sucinta referência dos acontecimentos que motivaram a realização do congresso e a leitura de uma moção aprovada no congresso da construção civil francesa.

O primeiro discurso

Tourade, da União de Sindicatos do Rhone, iniciou a série de discursos. Afirmou que as duas C. G. T. são apêndices dos partidos que disputam a posse do mundo: a social-democracia e o comunismo. O sindicalismo nada pode ter de comum com estes partidos. O congresso, ora reunido, afirmaria o verdadeiro caráter do sindicalismo. Se uma resolução viril e uma prática solução não fossem tomadas, os delegados presentes ficariam com graves responsabilidades namorte do sindicalismo, morte própria da impotência.

Constituiu-se em seguida uma comissão revisora de mandatos. A mesa decidiu, porém, que se prosseguisse enquanto se aguardava o parecer da referida comissão.

A constituição de uma nova C. G. T.

Por proposta de Huart, decidiu-se que os sindicatos representados manifestassem a sua opinião acerca da formação de um novo organismo central.

Garros, dos electricistas do Rhone, manifestou contra a própria designação de C. G. T., por ser, em sua opinião, um título muito galvanizado nos últimos anos, suscitando na actualidade a antipatia e a desconfiança do operariado. Em suma, declarou-se de acordo com uma organização nova que nada se parecesse com qualquer das duas C. G. T.

Guigui, dos metalúrgicos do Sena, considerou tardia a resolução e a fraqueza das forças sindicalistas, que impede qualquer coisa de prático. Acusou a Federação da Construção Civil como a maior responsável da actual situação. Entendendo, embora, doloroso dizer-se, o orador afirmou que aquela Federação embarçou o desenvolvimento de uma organização — a União Autônoma — que fez vir ao mundo.

Encarando o presente, disse o orador que a nova C. G. T. não tem possibilidade de existência. Sua morte pode ser a falência do sindicalismo. Como se poderá animar a

A Federação dos Transportes Marítimos e Fluviais e a Conferência Marítima

Uma importante sessão pública

Afirmou de apreciar a forma como a F. M. pretende organizar a Conferência Marítima, realizada hoje, na sede do Sindicato dos Marinheiros Mercantes, calçada Castelo Branco Saravia, 42-2, pelas 20 horas, uma sessão pública, onde representantes da Federação da Indústria dos Transportes Marítimos e Fluviais expõem os pontos de vista deste organismo em relação à dita conferência e a situação em que está colocado aquele organismo.

Para a realização desta sessão foi profusamente distribuído, por todos os lugares de trabalho dos marítimos e fluviais, um vibrante manifesto, no qual se convidam os trabalhadores em geral e os marítimos em especial a assistir à sessão, onde será aceita a controvérsia sobre o tema em discussão.

Dê recordamos os seguintes períodos: «Em face desta situação, que não criamos, que havia a fazer? O que a conferência de Santarém havia resolvido em princípio: organizar uma nova Federação para coordenar a acção desenvolvida por esses sindicatos, e para, por seu intermédio, nos ligarmos aos restantes trabalhadores organizados.

«Era isto um mal? Evidentemente. Um mal que não provocamos. Fizemos tudo o que nos era possível para o evitar. Mas era um mal para evitar outro maior ainda — o isolamento completo desta grande parte da organização marítima.

Desde princípio que fizemos as declarações demonstrando que a organização desta Federação nunca seria obstáculo a que a união entre as classes marítimas fosse novamente um facto — antes pelo contrário — agimos sempre em harmonia com estas afirmações.

Quando fomos procurados por uma comissão composta por elementos estranhos à organização marítima para se fazer a junção dos dois organismos federativos, expuzemos as nossas razões, razões de sempre, que a comissão julgou muito aceitáveis. Até hoje não sabemos o resultado.

Surge agora a velha Federação, que nunca mostrou interesse em solucionar o conflito, sem que venisse todos os Sindicatos como venceu alguns, com uma «conferência nacional para tratar em especial do problema da Unidade Sindical».

Para ela foram convidados todos os organismos marítimos, com excepção desta Federação que representa uma grande parte dos Sindicatos Marítimos.

Diz-se que nela tomarão parte todos os organismos em igualdade de condições. Os sindicatos que estão nesta Federação não participam da organização da conferência, não convidados a dissolver a sua Federação que não é também admitida na mesma... isto é igualdade de condições?

«Então numa reunião promovida para fazer a unidade não deviam tomar parte todos os organismos interessados, porque era para se fusioarem que se fazia a reunião? Se assim não é, confessamos lealmente a nossa completa ignorância neste assunto...»

nova organização, pois? Não havendo militantes capazes, a nova C. G. T. não viverá muito, e os sindicatos irão, pouco a pouco, fugindo para as duas outras C. G. T. Há poucos sindicatos autônomos para formar uma nova central, sendo sindicatos incapazes de acompanhar soluções indicadas.

O orador afirmou ainda que os acontecimentos não permitirão uma reviravolta de critérios, não sendo, portanto, muito favoráveis à constituição de uma nova C. G. T. A mais prática solução seria a de se manter a União dos Sindicatos Autônomos com o seu carácter provisório, pois, assim, se poderia aguardar acontecimentos mais favoráveis.

Clément, dos tanoeiros de Saint Claude, acusou Guigui de pessimista e afirmou ser necessário organizar, ainda que as forças sejam fracas.

Raitzon, dos metalúrgicos de Lyon, fez uma resenha histórica do sindicalismo nos últimos anos. Expôs o critério de autonomia do seu sindicato, cujos estatutos chegam a proibir a formação de uma terceira C. G. T. Contudo, sentia a impossibilidade de se regressar a qualquer central existente e, por isso, advogava a criação de um novo organismo.

Bastien, dos sindicatos autônomos de Amiens, refere a fundação da União Autônoma da sua localidade, dizendo que aquela se inspirou na autonomia por razões materiais e não se baseando em qualquer movimento de ideias. Em Amiens, disse ainda, os sindicatos são pela União autônoma, nunca, porém, de uma C. G. T. Entendia que o mal estava na centralização, e se chamava politiquice sindical.

A fundação de uma nova C. G. T. seria um erro. Criar uma C. G. T. com um secretário próprio é o mesmo que começar uma casa pelo telhado. Falta ainda constituir sindicatos autônomos, fazendo voltar o sindicalismo à sua base e intensificar a propaganda. Considerou suficiente a criação de um bureau de relações.

Por fim, declarou o orador que os sindicatos autônomos de Amiens, que representava, eram contrários à fundação de uma nova C. G. T.

Astruc, da construção civil de Besançon, manifestou reservas iguais às de Guigui. Boisson, da Federação da Construção Civil, defendeu com vários argumentos a constituição de uma nova central. Durot o bastimante a experiência da autonomia, tornamdo-se impossível o regresso em qualquer C. G. T. existente. A resolução a tomar terá de ser vigorosa e inspirar-se no que se resolveu no congresso da construção civil.

O final da sessão

Soulat, relator, em nome da comissão revisora de mandatos, os trabalhos feitos, referindo que 89 organismos estavam representados por 68 delegados.

Depois de uma troca de esclarecimentos, a sessão matutina foi encerrada.

Dizem os dirigentes da velha Federação que «so por lapso nos não foi enviada circular convocatória da conferência, tendo-nos já dado as necessárias explicações e enviado a dita circular onde, quando e a quem foram dadas as explicações e entregue a circular».

Queremos saber com quem lidamos. «So com transigências mútuas se conseguirá a unidade», dizem também. Pois nós estivemos com muita atenção a ver se descobríamos quais as que faziam da sua parte e não descobrimos nenhuma... Vimos foi novas condições, como seja: dissolução desta Federação, retirada da adesão da C. G. T. à A. I. T.

A si mesmo se desmentem. Num lado dizem que nos deram explicações e nos convidaram, noutro exigem o nosso desaparecimento.

«Vão, segundo a tese da Unidade, remodelar os seus estatutos de forma a que não fiquem compreendidas três secções. Ora isso, que corresponde a uma necessidade de há muito sentida, faz parte dos nossos estatutos. Por que deve ser esta Federação que se verifica estar mais à altura das necessidades orgânicas, quem deve desaparecer? Nós não fazemos questão de título, mas cremos ser razoável aproveitar-se dum e doutro organismo tudo o que cada um tenha de melhor.

«Os trabalhadores marítimos necessitam saber, de uma forma clara, quem são os seus militantes que sobrepondo aos interesses gerais da família marítima, os seus interesses de tendência», diz a sua tese de unidade.

Perfilhamos estas palavras, juntando-lhe e os seus interesses pessoais.

No intuito de fazer um movimento de aclaração e interessar todos os trabalhadores neste problema vamos promover várias sessões públicas onde será feito o contraste entre a sua e a nossa acção, como homens e como militantes.

Para essas sessões convidamos os dirigentes da velha Federação, ou quem quer que seja, a contradição-los, convidando ao mesmo tempo todos os trabalhadores amigos das suas classes a comparecerem para julgarem sobre este assunto que tem para si capital importância.

A primeira reunião pública realiza-se hoje, pelas 20 horas, no Sindicato Profissional dos Marinheiros Mercantes, calçada Castelo Branco Saravia, 42, 2.

A esta sessão, seguir-se-ão outras, tantas quantas forem necessárias, e estamos dispostos a ir a toda a parte, mesmo a reuniões não convocadas por nós, desde que lá nos seja permitido falar e expormos as nossas opiniões.

Marítimos, trabalhadores! A sessão, pois!

O DESARMAMENTO

PARIS, 10. — O general alemão von Pawel e o conselheiro Ferser chegaram ontem à tarde a Paris, portadores das novas propostas alemãs sobre a exportação de material de guerra e as fortificações da fronteira oriental. — (H.)

A vida está tão agradável...

BERLIN, 10. — O ministro do Interior apresentou um memorandum ao Reichstag estudando o perigo da contínua diminuição do número de nascimentos em toda a Alemanha. — (L.)

PROBLEMAS SINDICAIS

A organização das classes operárias de Setúbal

Foi deveras animador para mim ter, ao desdobrar um exemplar de A Batalha, deparado com um artigo que me encheu de satisfação porque se focava um problema deveras importante para o operariado setubalense.

Pelo seu grande valor moral, o problema em questão, caso venha a ser pôsto em prática — do que duvido diga-se de passagem — implica um futuro mais ridente das hostes proletárias setubalenses.

Duvido que tal problema seja pôsto em prática e o meu septicismo leva-me ao ponto de julgar impossível a sua realização, devido a um grande factor: o antagonismo de interesses das duas classes senão dos militantes que estão à frente dos mesmos.

Passo a apresentar as razões em que me fundo para descrever em absoluto da efectivação de tal medida.

Existem em Setúbal — e não sei se acontece o mesmo nas outras localidades cuja indústria principal seja a de conservas — duas classes que consecutivamente empregam a sua actividade dentro das fábricas; são a classe dos soldados e a classe dos trabalhadores. Estas classes, desde longa data, vivem divorciadas — passe o termo — porque os soldados têm, há muito, a monomania de se julgarem superiores aos seus camaradas por terem organização sindical mais antiga ou por serem menos explorados.

Claro está que entre as duas classes nunca reinou uma franca solidariedade como seria para desejar, antes pelo contrário, em todos os tempos se tem constatado uma grande discórdia «causa mater» das derrotas que ambas têm sofrido.

Ainda quando da introdução da mecânica na indústria de conservas, nós vimos os trabalhadores utilizarem-se dela sem o mínimo rubor, depois dos soldados terem pelejado contra semelhante inovação que os vinha ferir nos seus interesses.

Como facilmente se depreende, esta atitude foi motivada simplesmente pelo espírito de *rivalidade* que anima qualquer das duas classes, o que não sucederia se ambas tivessem, da solidariedade aquela consciência que seria para desejar.

Se tal não tivesse sucedido ainda a mecânica não seria um facto dentro das fábricas de Setúbal, o que não quer dizer que mais tarde ou mais cedo isto não sucedesse, mas do que estamos convencidos e ninguém nos fará ver o contrário é de que os aliados dos sindicatos tinham tempo mais que suficiente para se prepararem contra qualquer contra-tempe que fizesse escusar o pão aos operários da indústria de conservas.

Hoje todos lamentam uma funesta derrota que se nos afigurava de fácil previsão se os soldados não se julgassem superiores aos seus camaradas de trabalho e companheiros de martírio.

Tudo isto tem muito mais que se lhe diga, mas eu não faço senão escarpelizar um pouco certos factores, merecendo dos quais se torna impossível a fundação do Sindicato Unico da Indústria de Conservas, aspiração da maioria dos trabalhadores já que os timpanos ofendidos pela verborreia monótona de certos aspirantes a mentores das massas operárias cuja acção se limita ao seguinte: largarem meia dúzia de *larachas* nas assembleias gerais dos respectivos sindicatos.

Em concordância com o que o camarada Raúl Dias Adão acabou de expor nas colunas de A Batalha, já eu tinha apresentado na Voz Sindical a minha humilíssima e misérrima opinião.

Quanto aos soldados afigura-se-nos que os seus dirigentes não terão muito empenho na fundação do S. U. C. I. C. pois que tratam de melhorar a sua situação — como jo que, diga-se de passagem, concordo em absoluto — passando para «chauffeurs», etc., etc.

Outro tanto não se dá com os trabalhadores que anseiam a constituição do Sindicato Unico porque vêem nele um forte baluarte em que se reúne a concordância, condição *sine qua non* do triunfo dos trabalhadores sobre o seu inimigo comum — o capitalismo.

Manuel de SOUSA

Secretário da direcção da classe dos trabalhadores de fábricas de conservas

A sessão de hoje na Associação da Construção Civil de Linda-a-Pastora

Realiza-se hoje, às 20,30 horas, a assembleia geral da Associação de Classe dos Operários da Construção Civil de Linda-a-Pastora.

A fim de preparar uma assistência condigna a essa assembleia, no passado domingo alguns camaradas percorreram Linda-a-Velha, Linda-a-Pastora e Queijas, regressando satisfeitos pelo bom acolhimento que tiveram.

E' deveras lamentável o estado em que se encontra esta Associação, merecendo o abandono a que a votaram os seus componentes.

Em virtude desse abandono a Associação referida vem atravessando uma crise de elementos que a tem impossibilitado de realizar trabalhos de interesse colectivo.

Por isso a sessão de hoje não deve faltar nenhum camarada, a fim de que resoluções práticas se tomem para o bom nome da organização da construção civil.

Um grande desastre

MONTREAL, 10. — O cinematógrafo de Laurier foi completamente destruído por um incêndio. Ficaram feridas 30 pessoas e o numero de mortos eleva-se a cerca de uma centena. Na sua maioria são crianças que morreram esmagadas ou sufocadas, quando procuravam fugir. Dos escombros foram já retirados 77 cadáveres infantis. — (L.)

NA CAVERNA DOS MILHAFRES

PARIS, 10. — Léon Daudet, director da «L'Action Française», que acaba de ser excomungada, escreve a propósito: «A expressão da soberania pontifícia tem origem na política. E' deplorável que o chefe da igreja católica se deixe iludir por mentiras». — (L.)

EPISODIOS DA PROPAGANDA

Em terras do Alto Alentejo

Uma digressão difícil

Quem pela primeira vez se encontra no ambiente de rude franqueza e lealdade, revestido da mais fina pureza, da gente do campo, sente a alma abrir-se-lhe para largos horizontes de emancipação social, tal a sinceridade com que é recebido pelos nobres produtores da terra.

A profunda alegria, exteriorizada naturalmente, sem o mais leve indicio de esforço, perante os delegados que chegam, alegria difundida de variados locais onde passe, adornada da mais fraterna solidariedade, consola o espírito dos que, habituados às asperas da luta, sentem as dulcificações dum tratamento desigual de beleza e sentimento.

E foi sob as sensações fortes duma leal hospitalidade, que acabámos de atravessar algumas terras do Alto Alentejo, onde o frio realça as carnes e a neblina obscura os caminhos esburacados, que nos amolgam as costas e nos deixa num estado lastimável, nas oscilações constantes e violentas da camionete que nos conduz.

Este suplicio seria, porém, compensado pelo bom resultado das sessões que julgávamos ir realizar, mas, simplesmente, foi aumentado pelas dificuldades que se nos deparam para a sua efectivação.

E, da impossibilidade de tornarmos em facto a missão que ali nos havia levado, concluímos que o círculo opressivo aperta os seus disseminados raios em redor do povo trabalhador, a ponto de se não permitir que, publicamente, e dentro dos direitos de liberdade tantas vezes apregoados, se exteriorizem as tremendas inconcórdias duma sociedade em ruínas e se defendam os interesses desprezados dos produtores.

Injustiça tremenda! Depois da ignóbil exploração de que são vítimas os trabalhadores rurais, ainda por cima querem abafar-lhes a voz da razão que, latente, germina nos seus peitos.

A nossa digressão iniciou-se em Alter do Chão, interessante povoação que fica a 9 quilómetros de Crato.

O respectivo administrador do concelho, não se satisfazendo com a proibição da sessão, o que já representava uma violência, expulsa do seu reino... o delegado da

Federação Rural, que numa elevada e nobre missão, depois de ter já palmilhado a pequenina... distância de 29 quilómetros, viu na sua frente mais 17, pois que não lhe foi consentida a sua permanência — nem mais um minuto — em Alter do Chão. Era escolher: ou saía ou ia para a cadeia. Foi portanto, pôsto na fronteira... de Alter, por um official de diligências.

Cansado, extenuado mesmo, pelo esforço dispendido, pois tinha vindo doutras localidades, o nosso Vital José, — era ele o delegado em referência — que toda a organização conhece na expressão franca da sua fisionomia, lá segue estrada fora, até que, não podendo suportar o caminho, coberto duma neblina mortificante, resolve descansar um pouco e tomar por *cama* o tronco de uma velha asinheira, embrulhando-se no capote, seu amigo de confidências e de trabalhos, expendidos em permanentes derrotas, na defesa da classe, e procura, ilusoriamente, acalantar-se, mas os músculos teimam em atrofiar-se e o reumatismo surge de novo, tolhendo-o. Arrastado-se como pôde, procura adquirir a elasticidade dos nervos adormecidos, de novo se põe a caminho para chegar extenuadíssimo a Fronteira.

Quando chegámos a esta localidade lá fomos encontrar o nosso Vital, sempre sorridente e afável.

Mas nova decepção nos esperava. Chamados ao governador do Concelho, ali nós foi dito que a sessão na Fronteira também se não podia realizar. A argumentação de nada serviu. Tudo inútil, eram ordens superiores.

Em Souel, para onde depois nos dirigimos, as coisas já corriam doutra forma. Havíamos ordem de prisão. De terra em terra, partia à frente dos delegados a respectiva comunicação e, à medida que a distância aumentava, as ordens iam-se tornando mais rigorosas.

Em Souel, mandaram até encerrar a Associação. Hoje, porém, já está reaberta.

Os resultados desfeitos, foram no entanto proveitosos, pela indignação que em todos provocaram as medidas adoptadas.

M. C.
"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

O imperialismo norteamericano

Pretextos contra a intervenção

WASHINGTON, 10. — Decorreu bastante agitada a sessão do senado de anteontem. Democráticos e republicanos discutiram acaloradamente a política norteamericana no México, acusando os primeiros o presidente Coolidge de pretender conquistar o México. — (L.)

Uma desculpa oficial

WASHINGTON, 10. — Os meios oficiais invocam como razão da atitude dos Estados Unidos perante os acontecimentos da Nicarágua, a necessidade de a República se opor à actividade mexicana. — (L.)

Conservadores com pouca sorte

NEW YORK, 10. — Segundo notícias da Nicarágua, as tropas governamentais sofreram nova derrota, retirando em desordem. — (L.)

Uma atitude de Calles

MEXICO, 10. — O presidente Calles propõe-se submeter as divergências com as companhias petrolíferas à decisão do Tribunal de Haia. — (L.)

IMPRENSA

Carteira de identidade

Previnem-se todos os interessados que, na secretaria do Sindicato, se fornecem as requisições para a «Carteira» todos os dias úteis, das 13 às 19.

A revalidação das já existentes iniciarse-á logo que a comissão para tal fim nomeada dê por terminados os seus trabalhos, que, aliás, devem estar concluídos por estes dias.

Secção telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto. — Recebemos dinheiro e ofício.

Núcleo de Portimão. — Recemos o dinheiro e os ofícios.

Praga de "forças vivas"

BOMBAY, 10. — Desenvolveu-se de tal forma a praga dos gafanhotos na região de Bajkot que foi necessário empregar tiros de canhão para dispersar as densas nuvens daqueles insectos, que destruíram colheitas inteiras. — (L.)

ELEIÇÕES EM FRANÇA

As esquerdas triunfam

PARIS, 10. — Nas eleições suplementares para senadores realizadas ontem, os grupos da extrema esquerda ganharam aproximadamente mais 12 lugares. Entre os eleitos contam-se 3 socialistas e 2 comunistas independentes. Triunfaram as candidaturas de Barthout, Raval, Caillaux, Clementel, Berard e Peret. Foram vencidos Millerand, De Selves e Albert Dauzet. — (L.)

O barómetro jornalístico

PARIS, 10. — Os jornais, comentando as eleições senatoriais, constataam uma ligeira inclinação para a esquerda, listica principal na Sena e no Rhone, depois do primeiro escrutínio, e estão d'accordo em considerar a maioria senatorial do governo Poincaré inalterada, apesar da constituição dum grupo socialista senatorial, o que constitui uma inovação. — (H.)

CONFERÊNCIAS

"O espiritismo e a sciência"

COIMBRA, 9. — Amanhã realiza-se na sede da Universidade Livre uma conferência sobre o título «O Espiritismo e a Sciência», sendo conferente o dr. sr. Serras Pereira, professor do liceu José Falcão. A conferência começará às 21 horas.

Na sede deste instituto de educação popular estão em completo funcionamento os cursos de francês, português, história da arte e história da civilização, respectivamente regidos pelos srs. Luís Trigueiros, balcão Machado, Tomás da Fonseca e dr. Raul de Miranda.

O curso de instrução primária funciona todos os dias úteis das 19 às 21 horas, e os restantes cursos têm o seguinte programa: — Francês, terças e quintas-feiras, às 21 horas; Português, terças e quintas-feiras, às 22 horas; História da Civilização, às segundas e quartas-feiras, às 21 horas; História da Arte, às sextas-feiras, pelas 21 horas.

Estes dois últimos anos são acompanhados de projecções luminosas.

"Fisiologia do Trabalho"

O sr. dr. João Camoeses realiza depois de amanhã, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato da Construção Civil, a segunda lição do curso que, por iniciativa daquela instituição educativa, vem efectuando no mesmo local sob o tema *Fisiologia do Trabalho*. Nesta lição dissertará sobre *A bioquímica do Trabalho*.

Dos livros e dos autores

NOTAS DE PARIS, por Vítor Falcão

Vítor Falcão, que começou a evidenciar a sua fisionomia literária e jornalística num panfleto violento e usado que lhe custou algumas horas amargas, reúne, ultimamente, em volume editado com sobria elegância pela casa Ventura/Abrantes as crónicas que escreveu de Paris a quando do *après la guerre*.

As suas «Notas de Paris» reflectem a influência desse momento em todo o entusiasmo das suas afirmações e em todo o martelar de ilusões que então fizeram carreira em França. Estamos longe de concordar ou, melhor, de perfilhar o critério com que o seu autor analisou os acontecimentos mais importantes que, oriundos da guerra, se desenrolaram naquele país.

Possivelmente, Vítor Falcão, espírito singularmente inquieto, e cuja curiosidade espiritual — como é próprio nobremente o confessa — «funciona sem método, sem ritmo e sem disciplina» não pensará já hoje da mesma maneira, com também o não pensam poderosas individualidades literárias que viveram essa hora excessivamente nervosa e desequilibrada: Barbusse, por exemplo.

O livro, e nisso se reconhece a distância a marca do jornalista e do artista, não se ocupa unicamente da matéria política: trata com elevação e inteligência de assuntos de arte merecendo salientar-se as páginas dedicadas a Isadora Duncan, pelo poder da descrição e pela prosa em que estão escritas, prosa plena de harmonia e de elegância.

As «Notas de Paris» confirmam a existência em Vítor Falcão dum cronista, ágil e nervoso, descrevendo e comentando a vida com desenvoltura e subtil ironia.

CALENDARIOS

A Joalharia Mariano Costa teve a amabilidade de nos enviar um interessante calendário.

Agradecemos.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal
Reúne amanhã pelas 21 horas o Conselho Confederal para continuação dos trabalhos

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Conselho geral

Reúne quinta-feira, pelas 21 horas, para continuação dos assuntos em discussão.

Comunicações

Vendedores de Jornais. — Reúnem em assembleia tendo apreciado largamente os prejuízos morais e materiais que para a classe advém com a censura aos jornais, tendo em consequência estabelecido um entendimento com as restantes classes que manufacturam o jornal para uma acção tendente a terminar com tal situação, tendo ainda aprovado a greve em princípio a todos os jornais de Lisboa. Aproveitou também um protesto contra a prisão do jornalista Félix Correia.

Convocações

REÚNEM HOJE:

Federação da Construção Civil. — Para se ocupar de assuntos de grande importância, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Compositores Tipográficos. — Pelas 18 horas, a assembleia geral para se ocupar da seguinte ordem dos trabalhos: Eleição dos corpos gerentes para 1927; Apreciação da situação dos desempregados e resolver sobre o caminho a seguir; Assuntos de interesses colectivos. A entrada provisória pela rua do Ataíde, 10, r/c, à rua das Flores.

S. U. C. Civil. — Conselho de Secções. — Pelas 20,30 horas, as comissões administrativas das secções profissionais com o fim de se ocuparem da comemoração do aniversário do sindicato.

Secção do Alto do Pina. — Pelas 20 horas em segunda convocação, a assembleia geral para a nomeação dos corpos gerentes para o ano corrente e nomeação de delegados ao Conselho Técnico, Conselho de Secções e U. P. P.

Secção Sindical de Belém. — Pelas 20 horas, a comissão revisora de contas.

Refinadores de Açúcar. — A assembleia geral, às 20 horas.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — A assembleia geral, às 20 horas, em segunda convocação, para eleição de corpos gerentes e outros assuntos. Não comparecendo número suficiente à hora marcada reunirá uma hora depois, deliberando com qualquer número de associados.